

LITERATURA INFANTO-JUVENIL: ORIGEM, EVOLUÇÃO E TENDÊNCIAS NA EUROPA ATÉ O SÉCULO XIX

META

Apresentar a origem, a evolução e as tendências da literatura infanto-juvenil na Europa até o século XIX.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

situar a origem, a evolução e as tendências da literatura infanto-juvenil na Europa;
descrever as formas da literatura infanto-juvenil e sua função social;

PRÉ-REQUISITOS:

Para uma melhor compreensão desta aula, você deverá ter realizado a leitura da aula anterior e ter assimilado as noções básicas acerca da natureza e das funções da literatura infantil.

INTRODUÇÃO

Caro estudante, vamos iniciar nosso curso tentando situar a origem e a evolução da literatura infantil. O que chamamos literatura infantil, literatura juvenil tem o mesmo elemento que constitui a literatura em geral: o caráter de essencialidade simbólica. Essa é a natureza da literatura. O que especifica a literatura infantil é a sua destinação. Ela é feita com o propósito de dirigir-se a um determinado tipo de leitor – a criança.

As relações existentes entre essas formas literárias são sutis e muito fortes, no entanto, é comum entre os estudiosos, tradicionalmente considerar a literatura destinada à criança e ao jovem uma produção inferior, certamente por considerar que seu caráter “infantil” pode interferir no valor literário da obra. Contudo isto não passa de um simples preconceito, porque o que realmente existe é a prática de englobar componentes de **literariedade** da produção infantil/juvenil e da literatura não-infantil (geral) no mesmo gesto criador (mimético) e reflexivo – fundamento da criação artística.

Como a literatura em geral, a literatura infantil nasce marcada pela oralidade. Sua origem vem de narrativas populares e anônimas que se perdem no tempo, e seu poder de permanência na expressão oral das comunidades resistiu como fala, até chegar a se transformar em literatura.

Estudos modernos mostram que a origem da literatura infantil remonta a uma chamada literatura primordial marcada pelo impulso da magia e da fantasia que registrou e plasmou a memória dos povos. Dessa “literatura” vêm as narrativas orientais de caráter fabuloso, constituídas ao longo de vários séculos e difundidas através da tradição oral. No ocidente europeu essa difusão ocorreu durante a Idade Média. A pesquisadora professora Nelly Novaes Coelho amplia essas informações em elucidativo texto:

Dessas narrativas primordiais orientais nascem, pois as narrativas medievais arcaicas, que acabam se popularizando (na Europa e depois em suas colônias americanas, como o Brasil) e se transformando em literatura folclórica (ainda hoje viva, entre nós, circulando principalmente no Nordeste, através da “literatura de cordel”) ou em literatura infantil (através dos registros feitos por escritores cultos, como Perrault, Grim, etc.).] (COELHO: 1991, p.13)

Literariedade

Articulações e procedimentos de linguagem, de modo criativo (poético) que tornam uma obra literária.

Trazemos aqui algumas fontes orientais da literatura popular/Infantil, seguindo a orientação da pesquisadora Nelly N. Coelho, (op. Cit. p.14), sabendo que o tema dessas origens constitui ainda grande controvérsia entre os estudiosos do assunto.

Vamos às fontes narrativas:

A coletânea *Calila e Dimna* é tida como a mais antiga das fontes, é indiana do séc. V a. c., e difundida a partir do séc. VI d.c., através de uma tradução persa. As mil e uma noites pertencem a este ciclo narrativo e aparecem na Europa mais tarde. Os estudos dessa fonte não encontram o texto em sânscrito (língua original), apesar de trazer textos pertencentes ao **Pantschatantra** e o **Mahabarata**, mas o material foi traduzido para o árabe, no séc. VIII e serviu de fonte para a tradução hebraica, da qual procedem as traduções latinas e as demais em línguas vulgares que surgem durante a Idade Media, e que pôde chegar à atualidade, para nós através do romance castelhano.

Outras fontes da Literatura Infantil tornaram-se muito populares no ocidente. Vejamos algumas delas, citadas e comentadas por Nelly Novaes Coelho (Op. Cit., p. 14-21.)

- *Hitopadesa* ou *Introdução Proveitosa*, de caráter exemplar ou moralizadora, e já teve várias traduções do original sânscrito para as línguas modernas.

- *Sendeban* o *Livro dos Enganos das Mulheres*: compõe-se de 26 narrativas este livro.

- *Barlaam e Josafat*: divulgada através da tradição latina (versão cristã da lenda de Buda).

- *As mil e uma noites*: a mais conhecida e mais famosa compilação de contos que circula no Ocidente. Faz parte da literatura árabe, traduzida para o francês por Galland que fez adaptações para os leitores europeus. São obras que veiculam valores da civilização oriental antiga, mesmo primitiva. Esses valores foram absorvidos pela civilização ocidental no que têm de universalidade, porque os valores humanos são universais, e este é um componente imprescindível da arte, e assim da literatura, seja infantil, juvenil ou literatura geral. Luta pelo poder, lei do mais forte, - vitória dos fortes sobre os fracos, falsidade das mulheres, ambição desmedida, astúcia dos fracos para sobreviver; o respeito pelo próximo. As idéias, ações e atitudes confirmam que essas sociedades eram regidas pelo pensamento mágico, não tinham ainda o domínio do conhecimento científico.

A literatura infantil tem a mesma origem da chamada literatura popular, sem, no entanto se confundirem, tanto por sua natureza como por sua funcionalidade. Foi fixada pela escrita e preservada em seus princípios, como literatura; a literatura popular manteve as características de oralidade e vocação para a mudança. Constrói-se a partir de textos da antiguidade clássica ou de narrativas orais que circulavam entre as pessoas na comunidade.

Era o século XVII, e a burguesia difundia valores como culto da Razão, da liberdade, da igualdade e da fraternidade; da verdade, da beleza e do bem.

Pantschatantra

Um dos livros sagrados mais importantes da Antiguidade, do qual só restam fragmentos, e que reunia textos usados pelos pregadores budistas, por volta dos sécs. V e VI a.C. (COELHO: 1991, p.15).

Mahabarata

Longa epopéia primitiva indiana, surgida por volta do séc. VIII a. C. (idem.).

Valores que desejava inculcar na criança, e a literatura naquele momento e na modalidade “infantil” fez o registro e a apologia deles. Obras como Fábulas de La Fontaine, *Contos da Mãe Gansa* (*Les Contes de Ma Mère l'Oye*) de Perrault, *Télémaco*, de Fenelon, *Contos de Fadas*, de Mme. D'Aulnoy começavam a expressar esses ideais, colaborando com o fortalecimento dos interesses e valores da burguesia nascente. Vamos observar os valores dessa nova classe no conto que segue:



A Bela Adormecida (Fonte: <http://www.qdivertido.com.br/belaadormecida.jpg>).

A BELA ADORMECIDA

Há muito tempo, viviam um rei e uma rainha que todos os dias diziam: “Ah, se nós tivéssemos uma criança!”, e nunca conseguiam uma. Aí aconteceu que, uma vez em que a rainha estava se banhando, um sapo rastejou para fora da água e lhe disse “Seu desejo será realizado; antes que se passe um ano, você dará à luz uma menina”. Aquilo que o sapo dissera aconteceu, e a rainha teve uma menina que era tão formosa que o rei mal se continha de felicidade, e preparou uma grande festa. Ele não apenas convidou seus parentes, amigos e conhecidos, como também as fadas, a fim de obter suas boas graças para a criança. Havia treze delas em seu reino, mas como ele só possuía doze pratos de ouro, nos quais elas poderiam comer, uma delas teria de ficar em casa. A festa foi celebrada com toda a pompa e, quando chegou ao fim, as fadas presentearam a criança com dotes mágicos: uma com a virtude, outra com a formosura, a terceira com riqueza, e assim com tudo o que há de desejável no mundo. Quando onze já tinham

falado, entrou de repente a décima terceira. Ela queria se vingar por não ter sido convidada e, sem cumprimentar ou mesmo olhar para quem quer que seja, exclamou aos brados: “A princesa deverá espetar-se em um fuso quando tiver quinze anos, e cair morta.” E sem dizer mais nada, virou as costas e deixou o salão. Todos estavam assustados, e então se adiantou a décima segunda, que ainda não tinha feito seu desejo, e como não podia anular a maldição, mas apenas abrandá-la, ela disse: “A princesa não morrerá, apenas cairá em um sono profundo que durará cem anos.”

O rei, que queria salvar sua querida criança do infortúnio, ordenou que todos os fusos do reino inteiro fossem queimados. Na menina, entretanto, realizaram-se plenamente todos os dons das fadas, pois ela era tão bela, educada, gentil e sensata que todos que a viam não podiam deixar de gostar dela. Sucedeu que, justamente no dia em que ela completava quinze anos, o rei e a rainha não estavam em casa, e a menina estava sozinha no castelo. Ela andou então por todos os cantos, examinou à vontade aposentos e câmaras, e finalmente chegou até uma velha torre. Subiu a estreita escada em espiral e deparou-se com uma pequena porta. Na fechadura havia uma chave enferrujada e, quando ela a girou, a porta se abriu de um só golpe e lá, em um quartinho, estava sentada uma velha com um fuso, fiando diligentemente seu linho. “Bom dia, velha mãezinha”, disse a princesa, “o que você está fazendo aí?” “Eu estou fiando,” disse a velha, e balançou a cabeça. “O que é isto, que pula tão alegremente?” perguntou a menina, e pegou o fuso querendo também fiar. Mal ela tinha tocado o fuso, a maldição se realizou, e ela espetou-se no dedo. Mas, no mesmo instante em que foi picada, ela caiu na cama que ali estava, e foi tomada de um profundo sono. E este sono estendeu-se por todo o castelo: o rei e a rainha, que tinham acabado de chegar e entrado no salão, começaram a dormir, e com eles toda a Corte. Dormiram então também os cavalos no estábulo, os cachorros no pátio, as pombas no telhado, as moscas na parede, e até o fogo, que chamejava no fogão, ficou imóvel e adormeceu, e o assado parou de crepitar, e o cozinheiro, que queria puxar seu ajudante pelos cabelos porque ele havia feito uma coisa errada, soltou o menino e dormiu. E o vento assentou-se, e nas árvores defronte ao castelo nem uma folhinha se movia.

Ao redor do castelo começou porém a crescer uma cerca de espinhos, que a cada ano ficava mais alta e que, por fim, estendeu-se em volta de todo o castelo e cobriu-o de tal forma que nada mais se podia ver dele, nem mesmo a bandeira sobre o telhado. Começou então a correr no país a lenda da bela adormecida, pois assim era chamada a princesa, de modo que de tempos em tempos chegavam príncipes que tentavam penetrar no castelo através da cerca viva. Mas nenhum deles conseguiu, pois os espinhos estavam tão entrelaçados como se tivessem mãos, e os jovens ficavam presos neles e não conseguiam

se soltar, sofrendo uma morte lastimável. Depois de muitos anos, chegou mais uma vez um príncipe ao reino e ouviu quando um velho contava da cerca de espinhos, e que havia um castelo atrás dela, no qual uma linda princesa, chamada Bela Adormecida, já dormia há cem anos, e com ela dormia o rei e a rainha e toda a corte. Ele também sabia pelo seu avô que muitos príncipes já haviam vindo e tentado penetrar pela cerca viva de espinhos, mas haviam ficado presos nela e morrido tristemente. O jovem então disse: “Eu não tenho medo, eu quero ir lá e ver a Bela Adormecida.” O bom velho tentou dissuadi-lo de todos os modos, mas ele não deu ouvidos às suas palavras.

Mas agora os cem anos tinham justamente acabado de transcorrer, e havia chegado o dia em que Bela Adormecida deveria acordar. Quando o príncipe se aproximou da cerca de espinhos, estes não eram agora mais do que flores grandes e bonitas que por si sós se abriram e o deixaram passar ileso, e se fecharam atrás dele, formando novamente uma cerca. No pátio do castelo ele viu os cavalos e os cães de caça malhados deitados e dormindo, no telhado estavam pousadas as pombas, e tinham a cabecinha metida debaixo da asa. E quando ele entrou na casa, as moscas dormiam na parede, o cozinheiro na cozinha ainda levantava a mão como se quisesse agarrar o menino, e a criada estava sentada diante da galinha preta que deveria ser depenada. Ele então continuou andando, e avistou no salão toda a corte deitada e dormindo, e lá em cima, perto do trono, estavam deitados o rei e a rainha. Aí ele continuou andando ainda mais, e tudo estava tão quieto que se podia ouvir sua respiração, e chegou finalmente à torre e abriu a porta do quartinho, no qual Bela Adormecida dormia. Lá estava ela deitada, e era tão bela que ele não conseguia desviar os olhos, e ele se inclinou e beijou-a. Quando ele a tinha tocado com os lábios, Bela Adormecida abriu os olhos, acordou e olhou para ele amavelmente. Então os dois desceram, e o rei acordou, e a rainha e toda a corte, e se olharam espantados. E os cavalos no pátio se levantaram e se sacudiram; os cães de caça pularam e abanaram suas caudas; as pombas no telhado tiraram a cabecinha de sob a asa, olharam ao redor e voaram para o campo; as moscas nas paredes começaram a rastejar; o fogo na cozinha levantou-se, chamejou e cozinhou a comida; o assado voltou a crepitar; e o cozinheiro deu um tamanho tabefe no menino que este gritou; e a criada terminou de depenar a galinha. E aí foram festejadas com todas as pompas as bodas do príncipe com a Bela Adormecida, e eles viveram felizes até o fim.

(Fonte: ESTÉS: Rio de Janeiro, p. 35.)



ATIVIDADES

1. Examinar o conto *A Bela Adormecida*, acima, e reconhecer e explicar as características da linguagem e da temática que referenciam os valores da classe alta no século XVII europeu.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Observar que a literatura infantil nasce por necessidade de atender valores da classe burguesa que ambicionava o mundo aristocrático.

No ocidente, a chamada literatura infantil nem sempre teve a intenção de ser literatura. Somente a partir do séc. XVIII se manifesta essa intenção. Inicia-se na França com as *Fábulas* de La Fontaine e os *Contos da Mãe Gansa*, de Charles Perrault, os *Contos de Fadas*, de Mone. D'Aulnoy e *Telêmaco* de Fenelon, mas as primeiras obras publicadas visando ao leitor infantil apareceram para venda na primeira metade do séc. XVIII. Com a obra de Perrault ocorreu um surto de literatura infantil, além de despertar um interesse especial do público pelo conto de fadas que adquire aspectos literários, pois até aquele momento era bem popular e circulava oralmente.



Charles Perrault (Fonte: <httppt.wikipedia.org/wiki/Charles>).

O desenvolvimento dessa forma literária expandiu-se na Inglaterra, onde foi associada a eventos sociais e econômicos, políticos e ideológicos daquela época. O maior deles foi a industrialização que renovou o panorama histórico e acabou influenciando sobre as características da literatura infantil. Com a consolidação da classe burguesa, novos valores sociais, políticos e econômicos são instituídos. A partir daí o poder da posse da terra perde o espaço para o poder do dinheiro. E esses novos interesses vão ser representados nessa literatura, como ocorre com qualquer expressão de arte: nasce das vivências de uma sociedade.

Estrategicamente a burguesia investiu na valorização da família e da escola, instituições que lhe garantiriam mão – de – obra permanente. Assim elegeu a criança como elemento fundamental do processo. A valorização da criança passava por compreendê-la como um “adulto em miniatura”. Era então necessário prepará-la dentro daqueles valores em voga, e que representassem os interesses do adulto. A formação da criança passa a ser determinada por esses interesses, e a família e a escola são os responsáveis por essa formação, até hoje funciona assim, apenas adotando alguma prática mais questionadora a partir do século XX.

Como centro das atenções da família e da escola, a criança passa a ter um novo papel na sociedade. Passa a ser consumidor de vestuário próprio, de brinquedos, de lazer específico, de atenção de profissionais como professores, psicólogos, pediatras etc. essa função da criança é apenas simbólica, porque tudo representa os interesses do adulto, especialmente a escola, responsável pela preparação/formação de uma mão – de – obra necessária para empurrar o sistema produtivo. Naquele momento, a escola já era uma necessidade de todos e não apenas da burguesia. No entanto, ela não é uniforme: há uma escola para os ricos e outra para os pobres, e o “sucesso” desse projeto é visível (e danoso) até hoje.

Entrando no séc. XVIII a literatura infantil e juvenil intensificou seu comprometimento com o mundo burguês ao qual ajudou a plasmar. Se desse paradigma ela recolhia sua matéria-prima para se constituir, retornava para enriquecê-lo na forma de obra literária que, por sua vez, não pretendia ser uma literatura para crianças e jovens, mas um instrumento de crítica social e política contra comportamentos e distorção/contradição daqueles mesmos valores tão cultuados e difundidos. Podem-se observar obras verdadeiramente subversivas naquela época. *As Viagens de Gulliver* de J. Swift, *As Aventuras do Barão de Münchhausen*, *Robson Crusóe* de Daniel Defoe; *Contos de Andersen* parecem dirigidas às crianças, mas com um conteúdo altamente reflexivo e crítico. Coisa mesmo de adulto.

Vejamos a leitura do fragmento das obras *As viagens de Gulliver* e *Robinson Crusóe* para tentar compreender seu comprometimento com esses valores, observando sua linguagem, sua estruturação narrativa e sua temática.



Jonathan Swift (Fonte: <http://www.esquirecomcmesquireimages3d/jonathan-swift-0708-lg.jpg>).



Gulliver (Fonter: <http://www.pcinfantastiqueonline.com/wp-content/uploads/gulliver3.jpg>).

Fragmento 1

[...]

Presumem pensar acaso estes miseráveis animais que sou tão degenerado a ponto de defender minha veracidade? Yahu como sou, é bem conhecido por toda a terra dos Huyhnhnm, que, pelas instruções e exemplos de meu ilustre mestre, fui capaz de no espaço de dois anos (embora confesse com a maior dificuldade) de remover aquele infernal hábito de mentir, trapacear, enganar, e prevaricar, tão profundamente enraizado nas próprias almas de todos da minha espécie; especialmente os Europeus.

Tenho outras queixas a fazer sobre esta vexatória ocasião; mas me esquivo de aborrecer-me ou a você por mais tempo. Preciso livremente confessar, que desde meu último retorno, algumas corrupções de minha natureza Yahu reviveram em mim através de minha conversa com uns poucos de sua espécie, e particularmente com os de minha própria família, por uma inevitável necessidade; do contrário eu nunca teria tentado um projeto tão absurdo como o de reformar a raça Yahu neste reino: Mas acabei com todos tais visionários esquemas para sempre.

2 de Abril, 1727

(Fonte: SWIFT, Jonthan. As viagens de Gulliver. www.ebooksbrasil.com/nacionais/ebookslibri.html).



Daniel Defoe
1660 - 1731

Romancista inglês nascido em Londres, considerado um precursor do romance realista inglês e do jornalismo moderno.



Robinson Crusoe (Fonte: http://www.games.bigfishgames.com/br_as-aventuras-de-robinson-cru-soescreen2.jpg).

Fragmento 2

[...]

Fiz inúmeras viagens ao navio, dele tirando quase tudo.

Mais rum, e aguardente, e bolachas, e açúcar, e farinha.

Havia já treze dias que me encontrava na ilha, e, tendo ido, mais uma vez, ao barco encalhado, nele encontrara navalhas, tesouras, facas, colheres, garfos e um bauzinho com muitas libras esterlinas, moedas de ouro e de prata, européias e brasileiras.

- Ô metal impostor! - exclamei. - Para que me serves?

Uma só destas facas é muitíssimo mais preciosa do que os tesouros todos do mundo!

Contudo, ao dinheiro, levei-o comigo, para terra.

(Fonte: DEFOE, Daniel. Robinson Crusoe. Virtualebooks online).

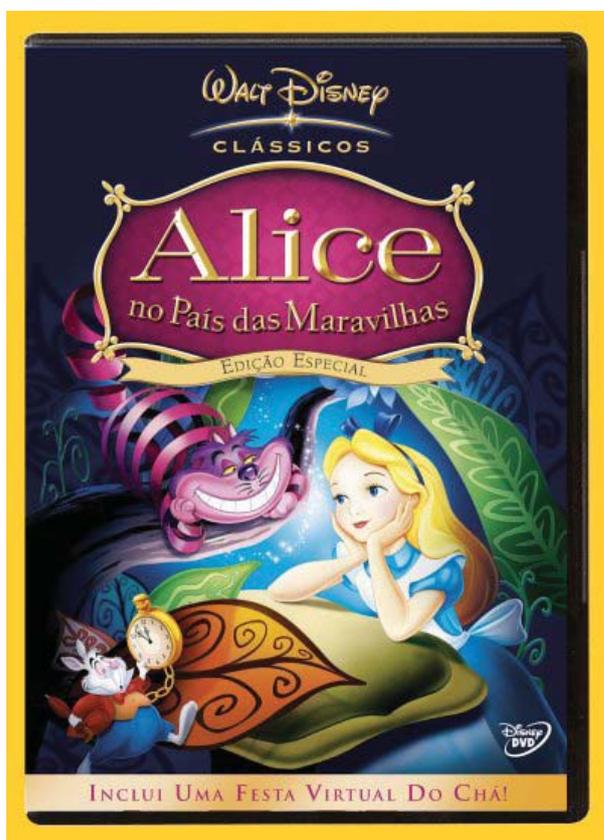
Os *Contos de Grimm* (Irmãos Grimm), do séc. XIX, foram recolhidos do folclore e do imaginário popular e adaptados aos novos interesses de um mundo que vivia a contradição entre o alto desenvolvimento econômico burguês e urbano e extrema pobreza, em alguns casos, da sociedade rural, desvinculada do processo capitalista de produção.

Na literatura infantil moderna essas obras são constituídas pelo realismo maravilhoso, ou mágico, além do **nonsense**, o sem-sentido, lúdico e cheio de graça. *Alice no País das Maravilhas* conta a história de uma menina e suas incríveis aventuras ao entrar de repente em um mundo desconhecido. Ao acompanhar um coelho apressado que olhava muito relógio e dizia estar atrasado, acaba entrando com ele na toca e cai num poço profundo que termina em um lugar onde tudo se faz ao contrário do convencional lá Alice vive situações muito divertidas e absurdas (nonsense). Lewis Carrol (o autor) cria uma obra que aborda o absurdo (nonsense) de forma divertida e criativa para fazer a crítica do absurdo das regras e valores absolutos dos sistemas que regem a vida dos homens. O nonsense marca a linguagem

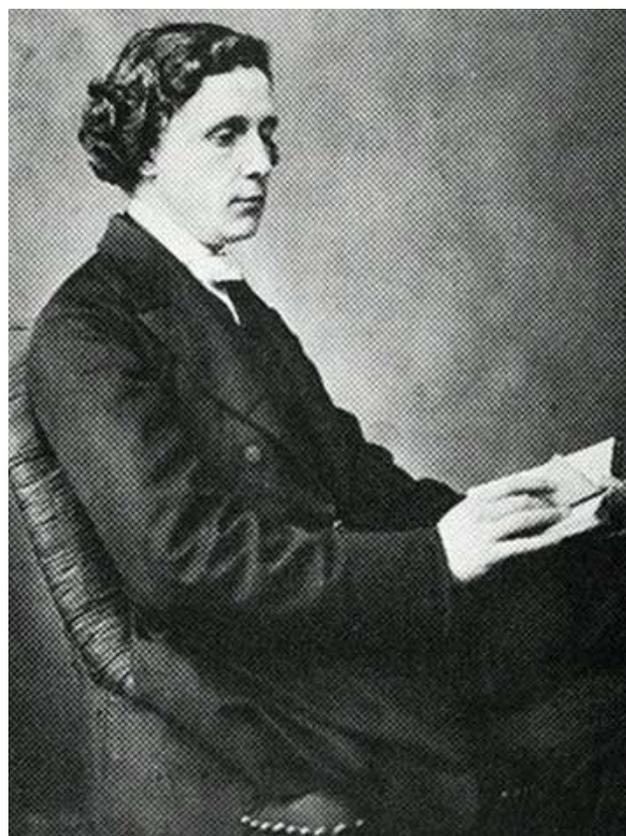
Nonsense

absurdo

Faremos agora uma breve leitura de fragmentos da obra *Alice no País das Maravilhas* e propomos que você além de ler essa linda obra, leia também *Alice no País dos Espelhos*, do mesmo autor. A Walt Disney tem um filme encantador, que convence até mesmo o adulto, a se “maravilhar” com ele. Ainda no século XIX podemos ver algumas outras obras que se tornaram clássicas na Europa e mesmo no mundo ocidental, ao que se sabe. Uma delas são os *Contos de Andersen*. O escritor Hans Christian Andersen, poeta e novelista dinamarquês, escreveu histórias cheias de romantismo, ternura e nostalgia. O elemento maravilhoso frequenta a maior parte dos contos encontrando na realidade concreta do cotidiano, plano de crueldade e violência atenuadas pela maneira humanista de abordar as questões humanas. Ideais de fraternidade e generosidade (burgueses e modernos) são exaltados nas vivências populares. Simplicidade, pureza e ingenuidade de pessoas comuns, do povo, impulsionadas pela força do coração.



Capa do filme Alice no País das Maravilhas.



Lewis Carroll (Fonte: http://universoliterario.files.wordpress.com/2010/04/lewis_carroll.jpg).

Alice abriu a porta e viu que dava para uma pequena passagem, não muito maior que um buraco de rato: ela ajoelhou-se e avistou o mais adorável jardim que jamais vira. Como ela gostaria de sair daquela sala escura e passear por entre aqueles canteiros de flores viçosas e aquelas fontes geladas... mas ela nem mesmo conseguiria fazer passar

sua cabeça pela porta; “e mesmo que a minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice, “teria pouca utilidade sem meus ombros. Oh! como eu desejo poder encolher como um telescópio. Eu acho que poderia, se ao menos soubesse como começar.”

Vejam só, tantas coisas estranhas tinham acontecido ultimamente que Alice começara a pensar que muito poucas coisas eram na verdade realmente impossíveis.

Não havia muito sentido em ficar esperando ao lado da portinha e então Alice voltou em direção à mesa, com esperança de poder encontrar outra chave sobre ela ou, quem sabe, um livro de regras para ensinar as pessoas a encolherem como telescópios: desta vez ela encontrou uma pequena garrafa sobre ela (“que certamente não estava sobre aqui antes”, disse Alice) e amarrada ao redor do gargalo estava uma etiqueta com as palavras “BEBA-ME” lindamente impressa em palavras grandes.

Tudo bem dizer “BEBA-ME”, mas a sábia Alice não ia fazer aquilo apressadamente. “Não, eu vou olhar primeiro”, disse ela, “e ver se está marcado veneno ou não”; Alice já lera muitas lindas histórias sobre criancinhas queimadas ou engolidas por feras selvagens e outras coisas desagradáveis, tudo porque não tinham lembrado das regras simples que seus amigos falavam para elas. Por exemplo: um atizador de lareira pode queimá-lo se você segurar por muito tempo, ou, se você cortar seu dedo muito fundo com uma faca, geralmente sangra; e ela nunca esquecera aquela: se você beber de uma garrafa que diz “veneno” é quase certo que isso irá prejudicá-lo, cedo ou tarde.

Entretanto, esta garrafa não tinha gravado “veneno”, daí, Alice aventurou-se a experimentá-la e, achando o sabor muito gostoso (o conteúdo tinha, de fato, um tipo de mistura de torta de cereja, creme de ovos, leite e açúcar, abacaxi, peru assado, toffy e torradas quentes), ela bem rápido acabou com ele.

“Que sensação estranha”, disse Alice. “Eu devo estar encolhendo como um telescópio!”

E daí era fato, ela estava agora com apenas 25 centímetros de altura, e seu rosto resplandeceu ao pensar que aquele era o tamanho exato para atravessar a portinha em direção ao adorável jardim. Primeiro, entretanto, ela esperou alguns minutos para ver se ainda iria encolher: ela sentiu-se um pouco nervosa em relação ao fato “porque isso pode resultar, você sabe”, disse Alice para si mesma, “em eu sumir como uma vela”. A menina ficou pensando como seria, tentando imaginar como a chama de uma vela se parece depois que a vela acaba e ela não conseguiu lembrar de ter visto alguma vez algo assim.

Afinal, achando que nada mais aconteceria, ela decidiu-se a entrar no jardim, mas, pobre Alice! quando ela chegou na porta, lembrou-se que tinha esquecido a pequena chave dourada, e quando voltou até à mesa, percebeu que não era possível pegá-la: Alice podia avistá-la através do vidro e tentou o máximo possível para escalar uma das pernas da mesa, mas era muito escorregadia; e quando desistiu, a pobrezinha sentou-se e chorou.

(Fonte: CARROL, LEWIS. Alice no país das Maravilhas In: Ebooksbrasil.org).

ATIVIDADES

1. Explique, com base nos fragmentos de texto da obra *Alice no País das Maravilhas*, o modo como o maravilhoso une-se ao absurdo para explicar a realidade.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O maravilhoso se exprime nas ações fantásticas e absurdas ou pela interferência de seres sobrenaturais.

Para conhecer um pouco da obra de Andersen, vamos ler o texto; *A Pequena Vendedora de Fósforos* e saborear essa realidade tão terna, melancólica, mágica e ao mesmo tempo realista...

A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Era véspera de Natal. Fazia um frio intenso; já estava escurecendo e caía neve. Mas a despeito de todo o frio, e da neve, e da noite, que caía rapidamente, uma criança, uma menina descalça e de cabeça descoberta, vagava pelas ruas. Ela estava calçada quando saiu de casa, mas os chinelos eram muito grandes, pois eram os que a mãe usara, e escaparam-lhe dos pezinhos gelados quando atravessava correndo uma rua para fugir de dois carros que vinham em disparada. Não pôde achar um dos chinelos e o outro apanhou-o um rapazinho, que saiu correndo, gritando que aquilo ia servir de berço aos seus filhos quando os tivesse. A menina continuou a andar, agora com os pés nus e gelados. Levava no avental velhinho uma porção de pacotes de fósforos. Tinha na mão uma caixinha: não conseguira vender uma só em todo o dia, e ninguém lhe dera uma esmola — nem um só cruzeiro.

Assim, morta de fome e de frio, ia se arrastando penosamente, vencida pelo cansaço e desânimo — a imagem viva da miséria.

Os flocos de neve caíam, pesados, sobre os lindos cachos louros que lhe emolduravam graciosamente o rosto; mas a menina nem dava por isso. Via, pelas janelas das casas, as luzes que brilhavam lá dentro. Sentia-se na rua um cheiro bom de pato assado — era a véspera de Natal —; isso sim, ela não esquecia.

Achou um canto, formado pela saliência de uma casa, e acocorou-se ali, com os pés encolhidos, para abrigá-los ao calor do corpo; mas cada vez sentia mais frio. Não se animava a voltar para casa, porque não tinha vendido uma única caixinha de fósforos, e não ganhara um vintém. Era certo que levaria algumas lambadas. Além disso, em sua casa fazia tanto frio como na rua, pois só havia o abrigo do telhado, e por ele entrava uivando o vento, apesar dos trapos e das palhas com que lhe tinham tapado as enormes frestas.

Tinha as mãozinhas tão geladas... estavam duras de frio. Quem sabe se acendendo um daqueles fósforos pequeninos sentiria algum calor? Se se animasse a tirar um ao menos da caixinha, e riscá-lo na parede para acendê-lo... Ritch!. Como estalou, e fiascou, antes de pegar fogo! Deu uma chama quente, bem clara, e parecia mesmo uma vela quando ela o abrigou com a mão. E era uma vela esquisita aquela! Pareceu-lhe logo que estava sentada diante de uma grande estufa, de pés e maçanetas de bronze polido. Ardia nela um fogo magnífico, que espalhava suave calor. E a meninazinha ia estendendo os pés enregelados, para aquecê-los, e... tss! Apagou-se o clarão! Sumiu-se a estufa, tão quentinha, e ali ficou ela, no seu canto gelado, com um fósforo apagado na mão. Só via a parede escura e fria.

Riscou outro. Onde batia a luz, a parede tornava-se transparente como um véu, e ela via tudo lá dentro da sala. Estava posta a mesa. Sobre a toalha alvíssima via-se, fumegando entre toda aquela porcelana tão fina, um belo pato assado, recheado de maçãs e ameixas. Mas o melhor de tudo foi que o pato saltou do prato, e, com a faca ainda cravada nas costas, foi indo pelo assoalho direto à menina, que estava com tanta fome, e... Mas — o que foi aquilo? No mesmo instante acabou-se o fósforo, e ela tornou a ver somente a parede nua e fria na noite escura. Riscou outro fósforo, e àquela luz resplandecente viu-se sentada debaixo de uma linda árvore de Natal! Oh! Era muito maior e mais ricamente decorada do que aquela que vira, naquele mesmo Natal, ao espiar pela porta de vidro da casa do negociante rico. Entre os galhos, milhares de velinhas. Estampas coloridas, como as que via nas vitrinas das lojas, olhavam para ela. A criança estendeu os braços diante de tantos esplendores, e então, então... apagou-se o fósforo. Todas as luzinhas da árvore de Natal foram subindo, subindo, mais alto, cada vez mais alto, e de repente ela viu que eram estrelas, que cintilavam no céu. Mas uma caiu, lá de cima, deixando uma esteira de poeira luminosa no caminho.

— Morreu alguém — disse a criança.

Porque sua avó, a única pessoa que a amara no mundo, e que já estava morta, lhe dizia sempre que, quando uma estrela desce, é que uma alma subiu para o céu.

Agora ela acendeu outro fósforo; e desta vez foi a avó quem lhe apareceu, a sua boa avó, sorridente e luminosa, no esplendor da luz.

— Vovó! — gritou a pobre menina. Leva-me contigo... Já sei que, quando o fósforo se apagar, tu vais desaparecer, como sumiram a estufa quente, o pato assado e a linda árvore de Natal!

E a coitadinha pôs-se a riscar na parede todos os fósforos da caixa, para que a avó não se desvanecesse. E eles ardiam com tamanho brilho, que parecia dia, e nunca ela vira a vovó tão grandiosa, nem tão bela! E ela tomou a neta nos braços, e voaram ambas, em um halo de luz e de alegria, mais alto, e mais alto, e mais longe... longe da Terra, para um lugar, lá em cima, onde não há mais frio, nem fome, nem sede, nem dor, nem medo, porque elas estavam, agora, no céu com Deus.

A luz fria da madrugada achou a menina sentada no canto, entre as casas, com as faces coradas e um sorriso de felicidade. Morta. Morta de frio, na noite de Natal.

A luz do Natal iluminou o pequenino corpo, ainda sentado no canto, com a mãozinha cheia de fósforos queimados.

— Sem dúvida, ela quis aquecer-se — diziam.

Mas... ninguém soube que lindas visões, que visões maravilhosas lhe povoaram os últimos momentos, nem com que júbilo tinha entrado com a avó nas glórias do Natal no Paraíso.

(Fonte: ANDERSEN, Hans Christian. *A Pequena Vendedora de Fósforos* In: www.leonildoc.ocwbrasil.org).

Apesar de denunciar em suas histórias situações de pobreza, preconceito prepotência e exploração humana no mundo do desenvolvimento urbano, pela industrialização, sua obra não registra revolta, apenas resignação, infelizmente.

Ainda no séc. XIX e segundo a linha do nonsense está a obra *Pinóquio* do italiano Callodi (Carlo Lorenzini, obra tão encantadora e atraente que o escritor Croce declarou: ... a madeira com a qual “Pinóquio” foi esculpido é a humanidade (GLJ, p. 134), citado por Nelly Novaes Coelho na obra *Literatura Infantil-Juvenil*, p. 168). Realmente, a teimosia e a curiosidade do boneco Pinóquio refletem essas características próprias também da criança, a quem o boneco representa. Nenhuma adaptação conseguiu inibir a grandeza humana da obra.



Pinóquio (Fonte: <http://www.criapub.files.wordpress.com/2010/03/8163pinoquio.jpg>).

PINÓQUIO

Gepeto era um homem bom que morava sozinho numa casa. Como era habilidoso e sentia falta de companhia, fez um boneco de madeira.

- Seu nome será Pinóquio - disse ele, ao terminar o boneco.
- Pena que não possa nem falar! Mas não faz mal.
Mesmo assim, será meu amigo!

Certo dia, enquanto Gepeto dormia, a Fada Azul foi visitar Pinóquio. E disse, ao entrar:

- Pimbinlimpimpim!

E, por encanto; Pinóquio deu um pilo e gritou:

- Estou vivo! Não sou mais um boneco qualquer! Obrigado, Fada! Agora, Gepeto terá com quem conversar!

(Fonte: LORENZINI, Carlo. pinóquio. In: virtualebooks on line).

A presença da magia transformadora unida à realidade (sensibilidade e solidão) da existência humana mais o trabalho criativo do autor resultou nessa incrível obra.

Pensemos agora numa obra que “atirou no que viu e matou o que não viu”... Sim, essa obra existe e consegue ultrapassar seus objetivos originais de orientação científica, e alcançar o universo maravilhoso da arte. A arte

da palavra – a literatura. São os *Contos dos irmãos Grimm*, pesquisadores alemães, estudiosos da língua, da filosofia e do folclore nacionais. O interesse científico levou-os à fantasia, ao mito e ao fantástico (maravilhoso). A obra contém contos tipicamente alemães (germânicos) e outros cujos temas estão presentes na civilização europeia, em geral.

Marcada pelas idéias do Romantismo (artistas, burgueses, sociais, políticos), os *Contos* trazem histórias que amenizam a violência contra a criança, registrada em histórias anteriores, de outros autores (Perrault), associando **humanismo** e maravilhoso, e apesar de ainda se permitirem abordagem negativa da vida, mostram a possibilidade de se poder ter “esperança” e “confiança” nela. De todo modo, os *Contos* mantêm a perspectiva do mundo adulto. Até mesmo quando a criança fala, ouvimos perfeitamente a voz do mais velho, mesmo quando a solução encontrada para um problema vem da intuição ou sagacidade infantil.

CHAPEUZINHO VERMELHO

Tradução de: Tatiana Belinky

Era uma vez uma meninazinha mimosa, que todo o mundo amava assim que a via, mas mais que todos a amava a sua avó. Ela não sabia mais o que dar a essa criança. Certa vez, ela deu-lhe de presente um capuzinho de veludo vermelho, e porque este lhe ficava tão bem, e a menina não queria mais usar outra coisa, ficou se chamando Certo dia, sua mãe lhe disse:

– Vem cá, Chapeuzinho Vermelho; aqui tens um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho, leva isto para a vovó; ela está doente e fraca e se fortificará com isto. Sai antes que comece a esquentar, e quando saíres, anda direitinha e comportada e não saias do caminho, senão podés cair e quebrar o vidro e a vovó ficará sem nada. E quando chegares lá, não esqueças de dizer bom-dia, e não fiques espiando por todos os cantos.

– Vou fazer tudo como se deve, – disse Chapeuzinho Vermelho à mãe, dando-lhe a mão como promessa.

A avó, porém, morava lá fora na floresta, a meia hora da aldeia.

E quando Chapeuzinho Vermelho entrou na floresta, encontrou-se com o lobo. Mas Chapeuzinho Vermelho não sabia que fera malvada era aquela, e não teve medo dele.

– Bom dia, Chapeuzinho Vermelho, – disse ele.

– Muito obrigada, lobo.

– Para onde vai tão cedo, Chapeuzinho Vermelho?

– Para a casa da vovó.

– E o que trazes aí debaixo do avental?

– Bolo e vinho. Foi assado ontem, e a vovó fraca e doente vai saboreá-lo e se fortificar com o vinho.

– Chapeuzinho Vermelho, onde mora a tua avó?

Humanismo

Movimento intelectual difundido na Europa durante a Renascença e inspirado na civilização greco-romana, que valorizava um saber crítico voltado para um maior conhecimento do homem e uma cultura capaz de desenvolver as potencialidades da condição humana.

– Mais um bom quarto de hora adiante no mato, debaixo dos três grandes carvalhos, lá fica a sua casa; embaixo ficam as moitas de avelã, decerto já sabes isso, – disse Chapeuzinho Vermelho.

O lobo pensou consigo mesmo: “Esta coisinha nova e tenra, ela é um bom bocado que será ainda mais saboroso do que a velha.

Tenho de ser muito esperto, para apanhar as duas”.

Então ele ficou andando ao lado de Chapeuzinho Vermelho e logo falou:

– Chapeuzinho Vermelho, olha só para as lindas flores que crescem aqui em volta! Por que não olhas para os lados? Acho que nem ouves o mavioso canto dos passarinhos! Andas em frente como se fosses para a escola, e no entanto é tão alegre lá no meio do mato.

Chapeuzinho Vermelho arregalou os olhos e, quando viu os raios de sol dançando de lá para cá por entre as árvores, e como tudo estava tão cheio de flores, pensou: “Se eu levar um raminho de flores frescas para a vovó, ela ficará contente; ainda é tão cedo, que chegarei lá no tempo certo”.

Então ela saiu do caminho e correu para o mato, à procura de flores. E quando apanhava uma, parecia-lhe que mais adiante havia outra mais bonita, e ela corria para colhê-la e se embrenhava cada vez mais pela floresta adentro.

O lobo, porém, foi direto para a casa da avó e bateu na porta.

– Quem está aí fora?

– É Chapeuzinho Vermelho, que te traz bolo e vinho, abre!

– Aperta a maçaneta, – disse a vovó – eu estou muito fraca e não posso me levantar.

O lobo apertou a maçaneta, a porta se abriu, e ele foi, sem dizer uma palavra, direto para a cama da vovó e engoliu-a. Depois, ele se vestiu com a roupa dela, pôs a sua touca na cabeça, deitou-se na cama e puxou o cortinado.

Chapeuzinho Vermelho, porém, correu atrás das flores, e quando juntou tantas que não podia corregar mais, lembrou-se da vovó e se pôs a caminho da sua casa. Admirou-se ao encontrar a porta aberta, e quando entrou, percebeu alguma coisa tão estranha lá dentro, que pensou: “Ai, meu Deus, sinto-me tão assustada, eu que sempre gosto tanto de visitar a vovó!” E ela gritou:

– Bom-dia!

Mas não recebeu resposta. Então ela se aproximou da cama e abriu as cortinas. Lá estava a vovó deitada, com a touca bem afundada na cabeça e um aspecto muito esquisito.

– Ai, vovó, que orelhas grandes que você tem!

– É para te ouvir melhor!

– Ai, vovó, que olhos grandes que você tem!

– É para te enxergar melhor.

– Ai, vovó, que mãos grandes que você tem!

– É para te agarrar melhor.

– Ai, vovó, que bocarra enorme que você tem!

– É para te devorar melhor.

E nem bem o lobo disse isso, deu um pulo da cama e engoliu a pobre Chapeuzinho Vermelho.

Quando o lobo satisfez a sua vontade, deitou-se de novo na cama, adormeceu e começou a roncar muito alto. O caçador passou perto da casa e pensou: “Como a velha está roncando hoje! Preciso ver se não lhe falta alguma coisa”. Então ele entrou na casa, e quando olhou para a cama, viu que o lobo dormia nela.

– É aqui que eu te encontro, velho malfeitor, – disse ele – há muito tempo que estou à tua procura.

Aí ele quis apontar a espingarda, mas lembrou-se de que o lobo podia ter devorado a vovó, e que ela ainda poderia ser salva. Por isso, ele não atirou, mas pegou uma tesoura e começou a abrir a barriga do lobo adormecido. E quando deu algumas tesouradas, viu logo o vermelho do chapeuzinho, e mais um par de tesouradas, e a menina saltou para fora e gritou:

– Ai, como eu fiquei assustada, como estava escuro lá dentro da barriga do lobo!

E aí também a velha avó saiu para fora ainda viva, mal conseguindo respirar. Mas Chapeuzinho Vermelho trouxe depressa umas grandes pedras, com as quais encheu a barriga do lobo. Quando ele acordou, quis fugir correndo, mas as pedras eram tão pesadas, que ele não pôde se levantar e caiu morto.

Então os três ficaram contentíssimos. O caçador arrancou a pele do lobo e levou-a para casa, a vovó comeu o bolo e bebeu o vinho que Chapeuzinho

Vermelho trouxera, e logo melhorou, mas Chapeuzinho Vermelho pensou:

“Nunca mais eu sairei do caminho sozinha, para correr dentro do mato, quando a mamãe me proibir fazer isso”.

(Fonte: ESTÉS: 2005, p. 35.)

Um dos grandes desejos do ser humano é tentar alcançar a eterna juventude, e assim assegurar a vitória da vida sobre a morte. A obra *Peter Pan* de James M. Barrie elabora essa fantasia literária. E o que chama a atenção é que esta obra é classificada como infanto-juvenil, por conta da preferência desse público que nem à juventude chegou ainda! As preferências e interesses continuam comandando a produção literária para a criança e o jovem, engrandecida pela aliança entre os interesses particulares e os valores universais do homem.

Mais uma obra nasce no séc. XIX, dirigida ao mundo adulto como crítica ao racionalismo exagerado do século anterior (iluminista). *As Aventuras do Barão de Münchhausen* adotando o fantástico, o pitoresco, o cômico e

o excêntrico para confrontar o racionalismo. E, por absorver essa matéria humana em sua temática, acaba transformando-se em obra de maior interesse do público infantil e juvenil. E mais, do próprio adulto que encontra nessas Aventuras elementos de renovação da sua própria vida. Levada ao cinema, esta obra faz sucesso ao envolver jovens e adultos que se divertem gostosamente com as “loucuras” desse excêntrico e maravilhoso “Barão”.

O séc. XIX é muito rico de literatura infantil, juvenil ou literatura em geral, como temos visto. Na verdade, há uma tendência para a narrativa romanesca representada por grandes autores da época. Alguns desenvolveram a narrativa de fundo histórico: Walter Scott (Inglaterra); Victor Hugo, Eugène Sue, Alexandre Dumas (França). Outros optaram pela narrativa de espírito aventureiro, como Ferrimore Cooper – fundador da literatura norte-americana, Frederick Maryat (Inglaterra), Júlio Verne, o pai da ficção científica, uniu conquistas científicas e técnicas à imaginação criadora (França). Robert Louis Stevenson (Inglaterra), Emílio Salgari (Itália), Jck London (norte-americano), Rudyard Kipling (anglo-indiano), Edgard Rice Burroughs, autor de Tarzã (norte-americano).

A novelística popular circulou como literatura de cordel e permanece até hoje no nordeste brasileiro.

O caráter humanístico do Romantismo (séc. XIX) exprime-se glorioso na obra de Charles Dickens (Inglaterra), Condessa de Ségur – infanto-juvenil (França), Edmund de Amicis (Itália), Eleanor H. Porter – literatura para moças – sentimental e amorosa (norte-americana) . Narrativas jocosas e satíricas luso-brasileiras – Pedro Malasartes. A sátira do norte-americano Mark Twain.



ATIVIDADES

Após a leitura dos contos e histórias infanto-juvenis dessa aula, escreva um texto de 20 a 30 linhas, explicando as razões de essa literatura ter sido destinada ao ensino, em sua origem.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Lembre que estamos partindo do pressuposto de que a literatura educa. Resta perguntar a quem? Como ela educa?

CONCLUSÃO

E a literatura infantil, onde fica, nisto tudo? Fica na condição burguesa de mercadoria. É objeto de compra e venda, e “felizmente”, de consumo. E como fica a liberdade de criação? Fica relativa: se não faz concessão ao gosto e ao mercado, não interessa. Se faz toda a concessão, perde em qualidade artística. O nó é encontrar a forma apropriada que consiga atender à utilidade e ao estético, para beneficiar o leitor, que enriquece sua formação numa sociedade de tão complexos meandros como é a sociedade moderna. A classe burguesa gosta de se ver representada, ou seja, de ver seus valores representados nas obras literárias, e sente-se imitada em suas práticas de vida real.

RESUMO

De origem popular ou clássica, resgatando elementos primordiais de cultura antiga oriental ou greco-latina – marcada pela presença do elemento maravilhoso ou mágico em histórias fantásticas ou realistas, mas sempre comandadas pela fantasia, nasce a literatura infantil. Feita com a intenção de ser literatura ou simplesmente excedente poético de obras que tinham outros propósitos culturais, políticos ou sociais, acabou sendo superada pela força da linguagem poética. A literatura infantil e juvenil se estabelece como tal a partir do século XVIII, mas estréia timidamente no século XVII europeu, num momento de profundas transformações sociais, políticas, econômicas, religiosas e culturais. Era a crise de paradigmas. A sociedade estava saindo de um sistema de produção fundado na terra, e assimilando outro fundado no dinheiro, fruto do trabalho e das transações comerciais, desenvolvidas por um novo segmento social: a burguesia. O progresso econômico necessitava de mão-de-obra escolarizada e uma boa saída foi investir na família concentrando a atenção na criança, e em escolas para garantir mão-de-obra para o trabalho. Entra aí a necessidade de material “didático” e o livro foi fundamental na escola, tivesse ele intenção literária ou não. Aliás, inicialmente essas obras escritas não tinham essa distinção.

A produção literária infantil e juvenil dos séculos XVIII e XIX se confirma como expressão cultural da sociedade burguesa e capitalista, e na Europa ela representa o acervo que vai se multiplicar em características comuns em outros lugares, inclusive no Brasil.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula nós vamos conhecer os diversos gêneros narrativos infanto-juvenis, será uma oportunidade para você estimular sua criatividade e produzir seu próprios contos.



AUTOAVALIAÇÃO

Após ter efetuado uma boa leitura dos textos propostos nesta aula, sou capaz de identificar a origem, a evolução e as tendências da Literatura Infanto-Juvenil na Europa? Consigo descrever as formas da Literatura Infanto-Juvenil e compreender sua função social?

REFERÊNCIA

- BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.
- ANDERSEN, Hans Christian. A Pequena Vendedora de Fósforos In: LORENZINI, Carlo. pinóquio. In: virtualebooks on line
- CARROL, LEWIS. Alice no país das Maravilhas In: Ebooksbrasil.org
_____. Aventuras de Alice: No país das Maravilhas e Através do espelho. Trad. e Org. Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro/São Paulo: Fontana/Summus, 1977.
- COELHO, Nelly Novaes. LITERATURA INFANTIL: Teoria, Análise, Didática. 6ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1997.
_____. PANORAMA HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL/JUVENIL: Das Origens Indo-Européias ao Brasil Contemporâneo. 4ªed. Revisada. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura infantil: teoria e prática. São Paulo: Ática, 1999.
- DEFOE, Daniel. Robinson Crusoé. Virtualebooks online.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. Contos dos Irmãos Grimm. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: Histórias e Histórias. São Paulo: Ática, 1984.
- MAGALHÃES, Ligia Cademartori e ZILBERMAN, Regina. LITERATURA INFANTIL: AUTORITARISMO E EMANCIPAÇÃO. 3ª Ed. São Paulo: Ática, 1987.
- MEIRELES, Cecília. Problemas da Literatura Infantil. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.
- SWIFT, Jonthan. As viagens de Gulliver. WWW.ebooksbrasil.com/nacionais/ebookslibri.html
WWW.leonildoc.ocwbrasil.org